

ENTRE O PESO DO CORPO E O PESAR DA ALMA:  
NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DAS EMOÇÕES  
TRISTES NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

*Between the weight of the body and sorrow, this heavy  
weight upon our souls: notes for a history of sad  
feelings in the contemporary period*

Denise Bernuzzi de Sant'Anna\*

**RESUMO**

O artigo busca resumir algumas possibilidades de pesquisa sobre as emoções tristes e, em particular, sobre a depressão. Também objetiva mostrar algumas tendências historiográficas sobre as emoções e as sensibilidades, assim como suas contribuições para a compreensão do tema da tristeza. Busca, enfim, indicar como a tendência atual em medicalizar os sentimentos incorporou os tratamentos sobre a depressão e, igualmente, sobre a obesidade.

*Palavras-chave:* sentimentos; depressão; história cultural.

**ABSTRACT**

This article intends to summarize some possibilities for research on sad feelings and, in particular, depression. It also aims to show some historiographical trends on emotions and sensibilities as well as their contributions to understanding the theme of sadness. Finally, it indicates how the current trend in medicalizing feelings has incorporated treatments on depression and also on obesity.

*Keywords:* feelings; depression; cultural history.

\* Professora livre-docente de História da PUC-SP.

1 Artigo resultante da nossa pesquisa financiada pelo CNPq - Bolsa Produtividade.

**“Matar-se por ser gordo** – Deu-se ultimamente em Montevideu um suicídio singular, que a *Patria* relatou da seguinte forma: Na rua 18 de Julho, esquina de Quenguay, em uma casa de cambio, Miguel Eirim, oriental de 19 anos, disparava ao meio-dia um tiro de pistola na fonte direita. A bala penetrou no cérebro e os médicos chamados, entre eles o Sr. Dr. Angelo Canaverio e outros, examinaram a ferida e, apesar de ter vida o infeliz moço, pouca esperança há em salvá-lo. A causa do seu suicídio é original o que se lhe atribui. O seu estado de gordura era extraordinário; dizem que tinha um grande desgosto em ser tão gordo, tomava para emagrecer muitos remédios, bem como banhos no mar, continuamente. Infelizmente sua obesidade aumentava até que, segundo dizem, o levou ao desespero de atentar contra sua vida.” (Diário do Maranhão, 23 de setembro de 1879, p. 1).

Não se sabe quantos obesos existiam na América Latina em 1879 ou se o suicídio provocado pela obesidade era um acontecimento raro. De qualquer modo, o que surpreende na notícia do jornal brasileiro não é apenas a suspeita de que a obesidade já causasse sofrimentos intensos em tempos passados, podendo levar ao suicídio. Se, por um lado, a percepção da tristeza causada pela obesidade aproxima o leitor atual daquele do século XIX, por outro, há diferenças importantes entre as duas épocas, em particular, nas maneiras de conceber as emoções tristes e o peso do corpo. Por exemplo, a notícia de 1879 refere-se ao desgosto do “infeliz moço” em desespero, mas não há alusão à experiência da depressão, tal como hoje esta é entendida. Segundo a notícia, o suicídio ocorreu por tristeza, seguida de desespero, tendência que marca diversas publicações brasileiras sobre pessoas, de ambos os sexos, que tentaram “dar cabo da própria vida”. Poder-se-ia concluir que o jovem matou-se porque estava gravemente deprimido. Mas nada garante que esta conclusão atual pudesse ser aplicada facilmente a épocas passadas.

Primeiro porque, durante séculos, várias formas de tristeza foram vistas como experiências ou estados de alma externos ao campo médico. Algumas eram tidas como sofrimentos que, embora pudessem vir do corpo, submetiam-se intensamente às perturbações da alma e, muitas vezes, denotavam algum refinamento espiritual ou revelavam um temperamento acentuadamente sensível aos acordes mais bruscos da vida. Ou seja, havia

tristezas julgadas patológicas, mas também aquelas consideradas parte do caráter, constituintes da personalidade de alguém, típicas de certas épocas e idades da vida.

Em segundo lugar, a obesidade também era vista de maneira diferente, apesar de ser, há muito, uma fonte de sofrimento. Antes da banalização das balanças e da ampla difusão científica dos males causados pela obesidade, a magreza costumava ser mais preocupante do que o excesso de peso.<sup>2</sup>

Assim como a obesidade, a depressão é uma experiência antiga. Mas os modos de interpretá-la, diagnosticá-la e tratá-la foram incessantemente modificados no decorrer do tempo e de acordo com cada cultura. Assim, por exemplo, ao longo do século XX, o espaço concedido ao tema da depressão aumentou exponencialmente nos meios de comunicação de massa. Artigos sobre os graus e os perfis dos deprimidos, suas distinções em relação às tristeza, mágoas e melancolias enfatizaram de modo crescente uma importante passagem: o século XX foi uma época privilegiada para o ingresso de diversas tristeza para dentro do terreno científico e farmacológico. Para compreender uma parte dessa passagem, se faz necessário perceber a importância de alguns estudos sobre a antiga história do “mal de viver” e sua transformação em patologia depressiva. O texto que se segue pretende abordar algumas tendências que marcaram os estudos sobre o assunto.

### *Melancolia, tristeza e depressão, uma mesma história?*

Uma das primeiras questões suscitadas pelo estudo da história das emoções tristes no século XX refere-se à suposta continuidade entre as antigas mágoas e a moderna depressão. Em que medida esta última, tal como ela é hoje conhecida, se insere de fato na mesma trajetória histórica da melancolia e de outros sentimentos e “estados de alma” considerados tristes? Não seria a depressão nervosa um tema cuja história pouco resulta das antigas definições e formas de representar a melancolia, cuja anatomo-

2 Nosso próximo livro tratará com detalhes desse tema: *Uma história de peso, gordos e magros ao longo de um século*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

mia já havia sido feita por Robert Burton, em seu clássico de 1621?<sup>3</sup> Não seria um grave anacronismo colocar a atual depressão nervosa no interior daquela história, vasta e antiga, relacionada aos antigos sentimentos de “mal de viver”?

Em ressonância com a grande exposição sobre o tema da melancolia, ocorrida em Paris, em 2005, o livro de Yves Hersant, intitulado *Mélancolies, de l'Antiquité au XXe siècle*, mostra a longa história das relações entre melancolia e fecundidade criadora. Segundo Hersant, embora a antiga melancolia tenha desaparecido dos atuais manuais científicos sobre transtornos mentais, os sentimentos melancólicos atravessaram os séculos e as culturas, manifestando suas diferenças com o que comumente se chama tristeza ou, cientificamente, depressão.<sup>4</sup> A partir dessa obra, tem-se a impressão de que a melancolia possui uma história repleta de experiências artísticas que estão longe de caracterizar outros tipos de tristeza e de “mal de viver”.

Mas esta distância nem sempre é facilmente estabelecida ou aceita. O livro de Minois sobre a história do “mal de viver”, desde a Antiguidade Clássica até a emergência da depressão nervosa e a época contemporânea, integra os estudos que defendem uma relativa continuidade histórica entre experiências melancólicas, tristezas de vários tipos e o que hoje é chamado de depressão. Os dicionários de psiquiatria, afirma Minois, “não hesitam em assimilar a velha acédia à moderna depressão”.<sup>5</sup> Todavia, é bom ressaltar, o autor também acredita que o contexto sociocultural da atualidade é duramente favorável a um novo modo de viver a maior parte das tristezas. As razões que justificam esta hipótese vão, segundo o autor, desde as mais gerais – hedonismo exacerbado, desenvolvimento da sociedade de consumo, pessimismo típico do século XX – até aquelas relacionadas às descobertas científicas das deficiências na produção de neurotransmissores no cérebro. Assim, a suposta continuidade histórica acima mencionada existiria de modo relativo, pois ela não explicaria tudo sobre a depressão contemporânea, cujo conteúdo também é devedor de fatores recentes, posteriores à Segunda Guerra Mundial.

3 BURTON, Robert. *The anatomy of melancholy*. v. 1. Whitefish, MT: Kessinger, s/d.

4 HERSANT, Yves. *Mélancolies, de l'Antiquité au XXe siècle*. Paris: Robert Laffont, 2005. A exposição mencionada teve por título: *Mélancolie. Génie et folie en Occident*. Ela foi dirigida por Jean Clair e ocorreu no Grand Palais, em Paris.

5 MINOIS, G. *Histoire du mal de vivre, de la mélancolie à la dépression*. Paris: La Martinière, 2003. p. 385

Para Minois, a sociedade da autonomia individual produz depressivos. De modo semelhante, mas acentuando ainda mais a especificidade da depressão na atualidade, o sociólogo Alain Ehrenberg sublinha que “enquanto a neurose é um drama da culpabilidade, a depressão é uma tragédia da insuficiência”.<sup>6</sup> Para ele, as diferenças entre o passado e o presente são significativas, fornecendo à depressão contemporânea algumas singularidades evidentes: filha da psicanálise e, sobretudo, de uma época que coage um número cada vez maior de indivíduos a serem livres, autônomos e sobre-carregados de responsabilidades, a depressão contemporânea resultaria de causas distintas quando comparada à melancolia e às antigas tristezas. Baseado no procedimento antropológico de Marcel Mauss, o autor sublinha o quanto a expressão das emoções depende das expectativas de cada época e cultura.<sup>7</sup> Daí a obra de Ehrenberg ser também uma crítica à desvalorização da vida pública e social, em benefício de um suposto universo íntimo, pessoal, isolado e independente da esfera coletiva.

A hipótese de que a sociedade contemporânea propicia quadros depressivos não é nova. Ela está presente em diversos estudos realizados desde o século XIX, voltados a perceber as diferenças entre as antigas comunidades rurais e as modernas sociedades burguesas, urbanizadas, industrializadas e abertas à mobilidade social. Segundo a historiadora Vincent-Buffault, por exemplo, naquele século, “uma nova economia dos signos corporais se estabelece progressivamente, modificando os gestos da emoção”.<sup>8</sup>

Diferentes obras já indicaram as associações entre as sociedades contemporâneas e os sentimentos de atomização ou anomia.<sup>9</sup> Desde então, as emoções tristes tenderam a ser concebidas e tratadas a partir de referências novas, intimamente relacionadas às necessidades de ascensão social, ao trabalho assalariado e à promoção de indivíduos livres e autônomos. O livro *The loss of sadness* traça a longa história dos diagnósticos da depressão e sustenta a tese de que a psiquiatria contemporânea confunde tristeza normal com distúrbio mental depressivo porque ignora a relação dos sintomas com

6 EHRENBURG, A. *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris: Odile Jacob, p.19.

7 MAUSS, Marcel. [1921]. L'expression obligatoire des sentiments. In: \_\_\_\_\_. *Essais de sociologie*. Paris: Minuit, 1968. p. 81-88.

8 VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Histoire des larmes, XVIIIe-XIX siècles*. Marseille: Rivages, 1986, p. 7.

9 Ver, por exemplo, DURKHEIM, E. *Le suicide*. Paris: PUF, 1930.

os seus devidos contextos.<sup>10</sup> Inúmeros pesquisadores investigam a história dos vários DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, publicados desde meados do século passado.

O primeiro DSM, criado pela American Psychiatric Association (APA), em 1952, resultou da necessidade de organizar e sistematizar as classificações dos transtornos mentais existentes desde o século XIX.<sup>11</sup> Segundo Ferreira, este manual foi profundamente marcado pelas influências da psicanálise, a qual se afirmou ainda mais com a publicação do DSM-2, em 1968. Entretanto, na década de 1970, o paradigma biológico tendeu a suplantar o paradigma psicanalítico no interior do campo psiquiátrico norte-americano. O corpo e, em particular, o cérebro, transformou-se numa esperança de cura sempre que existe diagnóstico de perturbações psíquicas.<sup>12</sup> A “psiquiatria biológica” consolidou-se no cenário internacional com a publicação, em 1980, do DSM-III. A partir dele, no lugar do “sujeito em sofrimento psíquico” adotou-se a expressão “paciente portador de transtorno mental”. Segundo Ferreira, isto significou que “as doenças mentais passaram a ser concebidas como localizadas fora dos sujeitos”. Para os defensores do DSM-III, este fato colaboraria para o fim do estigma que acompanha os doentes mentais, que deixam de *ser* doentes e passam a *ter* uma determinada doença. Além disso, aproxima a psiquiatria da biomedicina, já que *ter* uma doença corresponde mais ao domínio do corpo do que ao domínio da mente.”<sup>13</sup>

A tendência em adotar uma vertente biomédica da depressão e de várias perturbações mentais foi mantida e acentuada nos DSM posteriores. A sua quinta versão, por exemplo, foi objeto de uma ampla polêmica na mídia internacional e refere-se à noção de depressão na experiência do luto. A revista *Vêja*, por exemplo, noticiou recentemente que se até então as pessoas de luto não podiam ser consideradas doentes, agora, esta atitude

10 HORWITZ, Allan V.; WAKEFIELD, Jerome C. *The loss of sadness. How Psychiatry transformed normal sorrow into depressive disorder*. New York: Oxford University Press, 2007.

11 GROB, G. N. Origins of DSM-I: A study of appearance and reality. *American Journal of Psychiatry*, p. 421-431, 1991.

12 Sobre a DSM III, ver, por exemplo, RUSSO, Jane; VENANCIO, A. T. Classificando pessoas e suas perturbações: “a revolução terminológica” do DSM III. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. IX, n. 3, 2006.

13 FERREIRA, Silvana A. T. Depressão. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, v. 10, n. 2, abr./jun. de 2011. Ver, também, BEZERRA Jr. Naturalismo como antirreduccionismo: notas sobre o cérebro, mente e subjetividade. *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 18, p. 160-161, 2000.

deixava de ser válida.<sup>14</sup> De fato, o DSM-V possui um critério de exclusão ou de supressão ligado ao luto, tendendo a criar, portanto, dois tipos de luto: um estado de luto normal e outro de luto patológico. Fica, portanto, a impressão de que a depressão conquistou um novo espaço que até então se mantinha fora do âmbito patológico.

A imprensa brasileira posterior à década de 1960 publicou diversos artigos sobre o perigo da depressão inspirados em pesquisas científicas e nos DSM. Esta tendência vai ao encontro daquilo que Roudinesco afirmou sobre a época contemporânea: “uma das principais formas de manifestação do sofrimento psíquico presente no final do século passado foi a depressão, tendo ficado comum se referir a tal período como era das depressões”.<sup>15</sup>

Para o historiador Edward Shorter, depois do DSM-III, a depressão passou a abarcar um campo maior de tristezas e a redefinir o sentido da melancolia.<sup>16</sup> Seu livro mais recente sobre o assunto possui um título que já enuncia sua hipótese central, qual seja, *How everyone became depressed*.<sup>17</sup>

Em 1980, o DSM-III provocou uma importante mudança na psiquiatria mundial, cujos ecos se fizeram sentir na propaganda de medicamentos para o aumento do bem-estar, nos conselhos para elevar a autoestima dentro das revistas femininas e nas sugestões para dominar todo tipo de tristeza. Segundo alguns especialistas no estudo da depressão, a noção de inconsciente, por exemplo, perdeu importância dentro das prescrições do DSM-III.<sup>18</sup> Uma visão farmacológica das tristezas conquistou um significativo espaço na imprensa desde então. Já na década de 1980, a noção de serotonina ganhou a mídia internacional e a prescrição de antidepressivos adquiriu aspectos novos. A pesquisa que conduziu ao famoso antidepressivo

14 *Veja*, 12 de maio de 2013. O tema levantou polêmicas em vários países e foi objeto de diversos artigos na imprensa internacional. Ver, por exemplo, Paula Span “Grief Over New Depression Diagnosis” in: *The New York Times*, 24 de julho de 2013 (<[http://newoldage.blogs.nytimes.com/2013/01/24/grief-over-new-depression-diagnosis/?\\_r=0](http://newoldage.blogs.nytimes.com/2013/01/24/grief-over-new-depression-diagnosis/?_r=0)>); “Le deuil n’est pas une maladie!” in: *Le Point*, 22 de dezembro de 2012.

15 ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad.: V. Ribeiro e L. Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

16 SHORTER, Edward, *Before Prozac. The troubled history of mood disorders in psychiatry*. New York: Oxford University Press, 2009.

17 SHORTER, E. *How everyone became depressed. The rise and fall of the nervous breakdown*. New York: Oxford University Press, 2013.

18 Sobre este impacto, especialmente dentro dos Estados Unidos, ver WILSON, Mitchell. DSM-III and transformations of American psychiatry, a history. *American Journal of Psychiatry*, v. 150, 3 de março de 1993.

“Prozac” começou na década de 1970, mas sua autorização pela Food and Drug Administration ocorreu em dezembro de 1987. A década de 1980 representou, portanto, um marco importante entre as mudanças nas concepções da tristeza e da depressão. As pesquisas e invenções ocorridas entre 1970 e 1990 no domínio da depressão definiram em grande medida as maneiras pelas quais ainda hoje a maior parte das emoções tristes é percebida e tratada.

### *A depressão na história das emoções*

A depressão ocupa um lugar privilegiado na longa e diversificada história das emoções. Primeiro porque, por meio dela, passa-se rapidamente do nível psicológico e individual para o domínio da medicina e da indústria farmacêutica. Perseguir os traços da história da depressão é, nesse sentido, revelar uma parte da trajetória da amplitude da ciência dentro das experiências cotidianas e da vida privada, especialmente no curso da história contemporânea. Em segundo lugar, a história da depressão é também o avesso das políticas relativas à “euforia perpétua” ou do dever de felicidade, conforme estudou Pascal Bruckner.<sup>19</sup> Sua história mostra, portanto, como a felicidade tornou-se progressivamente um dever de massa, um direito de todos e, também, uma mercadoria constantemente elucidada pela publicidade. Por fim, a depressão possui uma história reveladora de experiências emocionais consideradas limítrofes: a doença, o envelhecimento e a morte.

Segundo Arlette Farge, entre 1975 e 1985, ao sabor do desenvolvimento da História das Mentalidades e da Nova História, inúmeros pesquisadores se dedicaram a estudar as maneiras de sentir e expressar o sofrimento na tentativa de perceber como ele se inscreve no corpo individual, delineando seus gestos e expressões. Para Farge, alguns desses estudos levaram à conclusão de que vários sofrimentos relacionados à doença e à morte eram mais ritualizados e também menos intoleráveis no passado do que na atualidade. Mas, na visão de Farge, não há garantias históricas seguras para afirmar que a morte, por exemplo, tenha sido menos dolorosa e

19 BRUCKNER, Pascal, *L'éuphorie perpétuelle, essai sur le devoir de Bonheur*. Paris: Grasset, 2000.

triste em épocas passadas e em sociedades que a viviam em meio a rituais, alguns dos quais estão hoje esquecidos.<sup>20</sup>

Já para o historiador William Reddy, houve uma importante mudança de paradigma para a compreensão das emoções no curso da história, em grande medida devido ao desenvolvimento da psicologia e da antropologia. Como a maior parte dos historiadores, Reddy, especialista naquele domínio, considera as emoções como experiências culturais cuja trajetória está longe de ser homogênea.<sup>21</sup> Em 2001, ele publicou *The navigation of feeling. A framework for the history of emotions*, uma referência importante aos historiadores que situam as emoções no contexto da produção e, simultaneamente, traduzem a cognição como sendo ação ou expressão. Para Reddy, há “regimes emocionais” que podem coincidir com regimes políticos e estarem na base das normas de uma época. Desse modo, diferentes tipos de tristeza poderiam ser considerados uma parte constituinte do regime emocional do século XX e, principalmente depois de 1950, a patologia da depressão tenderia a caracterizar o perfil daquele regime e a determinar suas formas de tratamento.

Tal como Reddy fornece subsídios para uma elaboração teórica da história das emoções e, em particular, das mutações no modo de conceber a tristeza, Barbara Rosenwein apresentou diferentes pistas de análise baseadas na psicologia, na filosofia cognitiva e na antropologia construtivista: distinguiu as visões universalistas e presentistas, mostrando as críticas dos experimentos dos psicólogos e os pressupostos dos evolucionistas.<sup>22</sup> Apesar das várias contribuições do construcionismo social, as quais afirmam o caráter social das emoções, para Rosenwein, mesmo os socioconstrucionistas, em oposição às abordagens biológicas, “raramente olham para as dimensões históricas das emoções”. Rosenwein defendeu, em seu capítulo intitulado “em busca de uma história das emoções”, a necessidade de “abrir caminho para uma história (ou, sem dúvida, múltiplas histórias) das emoções”, com capacidade de “problematizar os sentimentos do passado, tratando de suas características distintivas”. Ela sugeriu a noção de “comunidade emocional”,

20 FARGE, Arlette. *Des lieux pour l'histoire*. Paris: Seuil, 1997. p. 18.

21 REDDY, William M. *The navigation of feeling. A framework for the history of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 53-54.

22 ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções, problemas e métodos*. Trad.: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 13-27. Ver, da mesma autora, *Emotional communities in the Early Middle Ages*. New York: Cornell University, 2006.

propondo uma metodologia para estudá-la de maneira a não isolá-la das demais experiências sociais.

Conforme Rosenwein, “assim como as questões de gênero estão agora plenamente integradas à história intelectual, política e social, o estudo das emoções não deveria (no fim das contas) formar um ramo separado da História, mas sim contribuir em toda investigação histórica.”<sup>23</sup> O historiador Ute Frevert, outro exemplo, também forneceu pistas metodológicas importantes para analisar historicamente as emoções, nomeadamente no que se refere à suposta continuidade existente ao longo do tempo entre emoções que se manifestam dentro e fora do espaço político.<sup>24</sup>

Os estudos sobre a história das emoções são numerosos, formando, também, um tema clássico na história do pensamento filosófico e no âmbito da antropologia. Já entre os historiadores há muito que o interesse em investigar as emoções marca diferentes obras e, em alguns casos, há referências às formas de tristeza presentes no luto, diante da doença e, principalmente, em momentos de grande comoção social e durante as guerras e genocídios. Um exemplo atual a este respeito é o trabalho da historiadora Sophie Wahnich, especialista na história da Revolução francesa e que investigou a invenção do “homem sensível” no século XVIII, juntamente com a história das paixões revolucionárias. O que ela nomeou como sendo “regime emotivo” e “economia emotiva” não se limita à presença ou ausência de emoções, mas, sobretudo, à maneira pela qual, em cada momento e contexto históricos, é articulado o que é entendido como sendo social, político e psíquico. Na esteira do trabalho de Georges Lefebvre<sup>25</sup>, a historiadora analisou as emoções relacionadas ao medo, mas também à vitimização durante o Thermidor. Investigou o *pathos* de uma morte estetizada, a suposição de que o populacho permanece envolto por emoções violentas e pulsionais. Wahnich analisou principalmente como o controle das emoções marcou distinções de classe e de poder.<sup>26</sup>

23 ROSEWEIN, *op. cit.*, p. 47.

24 FREVERT, Ute. *Emotions in history: lost and found*. Central European University Press, 2011.

25 LEFEBVRE, Georges. *La grande peur*. Paris: Armand Colin, 1988.

26 Sobre a obra de Wahnich ver, principalmente, *Les émotions, la Révolution française et le présent*. Paris: CNRS, 2009; *La longue patience du peuple, 1792, naissance de la République*. Paris: Payot, 2008; *La liberté ou la mort. Essai sur la Terreur et le terrorisme*. Paris: La Fabrique, 2003. Neste último, destacam-se a análise do “desgosto revolucionário” construído historicamente e as emoções relacionadas à rejeição do terror durante a Revolução Francesa.

Mas a dificuldade de conhecer a paisagem sensível de uma determinada época ou cultura não é uma novidade entre os historiadores. Um conhecido texto de Lucien Febvre questiona como seria possível restituir a vida afetiva de sociedades e épocas passadas. O autor lembra o quanto as “emoções são contagiosas” e sublinha que o historiador não deve desistir da ideia de querer reconstituir a vida afetiva de um determinado período somente porque tal tarefa é de fato tão difícil quanto sedutora.<sup>27</sup> Johan Huizinga, Norbert Elias, Denis de Rougemont, Jean Delumeau, Peter Gay, Jacques Le Goff, Georges Duby, Ferdinand Lot e, mais recentemente, Alain Corbin estão entre os pesquisadores que mostraram, de modos diversos, a história das emoções e a presença da sensibilidade na história.<sup>28</sup> A obra de Alain Corbin, por exemplo, contribuiu fortemente para aumentar a espessura do tema dentro das ciências humanas e, em particular, entre os trabalhos historiográficos.

Corbin lembra o quanto as expressões emotivas foram cada vez mais banalizadas e naturalizadas pelos meios de comunicação de massa da época atual.<sup>29</sup> Seu último livro, intitulado *La douceur de l'ombre, l'arbre, source d'émotions, de l'Antiquité à nos jours*, recupera as relações entre sensibilidades e história natural. Nele, o autor destaca, por exemplo, uma ligação histórica importante entre a árvore e o livro – *liber* significa ao mesmo tempo livro e a película situada entre a madeira e a casca, a qual, uma vez seca, transforma-se em superfície de inscrição.

Uma parte do trabalho sobre as sensibilidades associadas à história natural investigada por Corbin lembra determinados aspectos da obra de Reddy sobre as emoções românticas.<sup>30</sup> Mas a história das sensibilidades investigada por Corbin – conhecido como “historiador do sensível” mesmo antes da publicação do livro de entrevistas homônimo – busca prioritaria-

27 Texto publicado no livro de FEBVRE, L. *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1952.

28 Sobre esta diferença, ver: CHARTIER, Roger *et al.* *La sensibilité dans l'histoire*. Brionne: Gérard Monfort, 1987.

29 Corbin defende a necessidade de estudos sobre a cultura sensível e sublinhou o imperativo da tríade “emoção, sentimento, paixão” na época contemporânea. Ver entrevista que realizei com o autor, publicada sob o título “Uma história quase impossível”. *Projeto História*, São Paulo: PUC/SP, n. 19, p. 207-213, 1999.

30 Exemplar a este respeito é o livro de Corbin sobre a história do desaparecimento dos sinos e de suas funções, no qual se torna evidente o quanto a paisagem não se reduz ao espaço, pois inclui as sensações de toque, olfato e audição. Ver, também, CORBIN, A. *L'homme dans le paysage*. Paris: Textuel, 2001.

mente realizar a história de pessoas comuns no curso da vida cotidiana, em suas lutas e disputas pela sobrevivência. Conforme o historiador Poirrier, “esta história das sensibilidades se afirma como uma das modalidades mais proeminentes dentro da história cultural. O cuidado de perfurar, longe de todo anacronismo psicológico, o segredo dos comportamentos dos indivíduos que nos precederam, cruzando emoções e representações, imaginário e sensibilidade, colore o conjunto de sua obra.”<sup>31</sup>

Na França, uma parte significativa da historiografia sobre as emoções concentrou-se nos estudos medievalistas. Contudo, desde a década de 1980, várias publicações testemunharam o enriquecimento daquele campo de investigação em outros períodos históricos, quando então foram trabalhados temas como a honra, a vergonha, a raiva, o desprezo, o medo e a bravura, vividos e/ou narrados durante, por exemplo, as duas guerras mundiais e sob o domínio dos movimentos totalitários do século XX. Também foram publicados trabalhos sobre a história de grandes comoções coletivas, ou de regimes de emoções que marcaram determinadas culturas e períodos, por meio de tragédias espetaculares, tal como mostrou o livro de Fabrice d’Almeida e Anthony Rowley.<sup>32</sup>

Existem, ainda, estudos sobre as sensibilidades e as paixões políticas no curso da história moderna e contemporânea. Claudine Haroche, por exemplo, mostra como a modernidade ocidental construiu o “homem sensível”, além de formas de coação e de governo de si que contribuem para o entendimento dos regimes democráticos.<sup>33</sup> Conforme Christophe Prochasson, a história política passou a considerar o peso da dimensão simbólica na vida política, mas é preciso ainda investigar os “motores emocionais” das práticas.<sup>34</sup>

31 POIRRIER, Philippe. L'histoire culturelle en France. Retour sur trois itinéraires: Alain Corbin, Roger Chartier et Jean-François Sirinelli. *Cahiers d'Histoire*, v. XXVI, n. 2, p. 50, 2007.

32 Trata-se do livro *Quand l'Histoire nous prend par les sentiments*. Paris: Odile Jacob, 2013. Há, também o livro do historiador Peter Stearns, autor de outros trabalhos sobre a história da sexualidade e do peso dos corpos, que analisa os sentimentos de ansiedade e medos coletivos nos Estados Unidos, intitulado *American Fear, the causes and consequences of high anxiety*. New York: Routledge, 2006.

33 Ver, por exemplo, HAROCHE, C. *L'avenir du sensible. Le sens et les sentiments en question*. Paris: PUF, 2008.

34 Ver, por exemplo, seu artigo traduzido por René Lommez intitulado “Emoções e política: primeiras aproximações”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, julho de 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752005000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200004)>.

## *Entre o peso e o pesar*

O peso do corpo e o pesar da alma evocam similitudes evidentes na época contemporânea e, ao mesmo tempo, uma proximidade entre dois problemas desafiadores para a pesquisa histórica. Teria sido sempre assim? A obesidade levaria necessariamente aos estados depressivos? E o que foram tais estados em outras épocas? As questões são numerosas e incluem igualmente diferentes temas. Nada mais arriscado do que tentar respondê-las apressadamente. Para compreendê-las, é preciso primeiramente considerar que a banalização do termo obesidade é recente, assim como a popularização das balanças e do ato de pesar cotidianamente o corpo. Também é verdade que a separação entre gordos e magros varia ao longo da história e entre as várias classes sociais. Além disso, a noção de depressão também não foi sempre entendida da mesma maneira, o que complica ainda mais a investigação sobre tais temas.

No Brasil, a história da obesidade encontra-se com aquela da depressão, principalmente na segunda metade do século passado. O enlace entre ambas deve-se a diversas razões, incluindo a medicalização de um número crescente de problemas físicos e mentais ocorrida principalmente ao longo do último século. Na base do entendimento da obesidade e da depressão encontra-se, sobretudo, uma preocupação com a produtividade e o labor de cada indivíduo. Isto porque tanto a depressão quanto a obesidade tendem a ser percebidas como sendo as doenças mais comuns da atualidade e, ao mesmo tempo, as mais relacionadas à apatia, à anomia e, em suma, à ausência da vontade de trabalhar e dinamizar a vida econômica de um país. Segundo a Organização Mundial da Saúde, desde 1980 o número de casos de obesidade no mundo dobrou e, desde então, ela tendeu a ser considerada uma epidemia e um problema mais perigoso do que o tabagismo.<sup>35</sup> No Brasil, segundo uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2011, o excesso de peso atinge cerca de metade da população.<sup>36</sup> Já os antidepressivos

35 Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/fr/>>; WHO: *Obesity-preventing and managing the global epidemic*. World Health Organization, Geneva; 1997. Sur l'Europe voir: SASSI, Franco. *Obesity and the Economics of Prevention: fit not fat*. OCDE 2010, p. 31.

36 *Vigitel Brazil 2010: protective and risk factors for chronic diseases by telephone survey*, 2012. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/vigitel\\_180411.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/vigitel_180411.pdf) website>.

e antiansiolíticos figuram entre os remédios mais consumidos no país nos últimos anos.<sup>37</sup>

Desde 1980, a banalização do uso de fármacos para combater o excesso de peso, assim como vários tipos de tristeza, tendeu a ocupar um espaço evidente nos meios de comunicação de massa e na publicidade. Além disso, as fronteiras entre aqueles considerados gordos, gordinhos, muito gordos, obesos, pré-obesos, assim como as expressões criadas no decorrer do último século para qualificá-los, ganharam uma importância inusitada, dentro e fora dos consultórios médicos. Se até a década de 1960, aproximadamente, as fronteiras entre ser robusto, forte e gordo não pareciam muito espessas, a seguir, elas ganharam em evidência e especificidade. O território da depressão, contudo, não se manteve preso a tais limites, tendendo a migrar de um estado para outro e, muitas vezes, ser considerado uma ameaça para gordos e magros. Entretanto, segundo pesquisas científicas, a depressão tem prevalência sobre pessoas obesas.<sup>38</sup>

Ou seja, por um lado, houve uma maior preocupação em distinguir obesidade mórbida, por exemplo, da obesidade e esta do sobrepeso. Por outro, todas elas foram integradas à condição de problemas que devem ser submetidos a tratamento médico, ao regime alimentar e a cuidados destinados a afastar o risco da depressão.

No Brasil, a partir da banalização das balanças em drogarias iniciada em 1960, ter conhecimento diário do próprio peso levou à impressão de que seria possível e desejável controlá-lo. As revistas femininas não tardaram a enfatizar esta experiência, mostrando como era necessário e saudável manter o controle diário do próprio peso. A aquisição desse saber dependeu da naturalização do hábito de pesar o corpo e, portanto, de uma atenção pormenorizada sobre os seus volumes e formas. Se, conforme Ian Hacking, “a contagem cria novas maneiras de as pessoas serem”<sup>39</sup>, pode-se supor que, na vasta e longa história do corpo, o uso cotidiano das balanças fabricou “conteúdos de identidade” cada vez mais importantes. Pesar o

37 Disponível em: <[http://www.correiadoestado.com.br/noticias/antidepressivos-estao-entre-remedios-mais-consumidos-pela-po\\_139033/](http://www.correiadoestado.com.br/noticias/antidepressivos-estao-entre-remedios-mais-consumidos-pela-po_139033/)>.

38 MORAES, Angela L. *et al.* Percepções de obesos deprimidos sobre fatores envolvidos na manutenção da sua obesidade: investigação numa unidade do Programa Saúde da Família no município do Rio de Janeiro. *Physis, Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 553-572, 2013.

39 HACKING, Ian. *Ontologia Histórica*. Trad.: Leila Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 116.

corpo tendeu, assim, a representar um ato capaz de entristecer e alegrar um número cada vez maior de pessoas.

O peso do corpo encontrou, desse modo, meios técnicos e culturais para influir diretamente nos pesares da alma. Mas o contrário também foi um assunto presente nos artigos da imprensa das últimas décadas: a tristeza tende a ser considerada uma patologia desencadeadora de distúrbios alimentares, os quais, por sua vez, podem favorecer ou provocar a obesidade e, em alguns casos, a anorexia. Desde a década de 1990, vários artigos, filmes e documentários televisivos mostraram esta relação entre depressão e compulsão alimentar, obesidade e quadros depressivos graves.

Diante de tais associações, resta ao historiador inventariar as condições de possibilidades sociais, econômicas e culturais desses pesares, investigando suas semelhanças e diferenças em relação ao peso do corpo e aos significados das tristezas em outras épocas. Resta, enfim, perceber as razões históricas que explicam as associações, hoje comuns, entre o obeso deprimido e a imagem mais evidente do indivíduo fracassado. Em épocas e culturas nas quais se pretende transformar as “realizações com sucesso” em normas, o fracasso individual representado principalmente pela depressão e pela obesidade talvez seja um dos temas mais reveladores da criação histórica de um cotidiano de desamparo, cujo peso permanece difícil de medir ou controlar.

Recebido em outubro de 2013.  
Aprovado em novembro de 2013.